

“UM VELHO POLÍTICO”: Abolição, Cidadania e Trabalhadores na República a partir da trajetória de Ismael Ribeiro dos Santos

Thiago Alberto Alves dos Santos¹

Resumo: O objetivo principal dessa comunicação é apresentar problemas e hipóteses levantados com a nossa pesquisa que visa recompor a história de vida de Ismael Ribeiro dos Santos, centrando a análise nos momentos em que sua trajetória cruzou com a escravidão e o movimento abolicionista, assim como, com o movimento de trabalhadores livres e a luta por cidadania no início do século XX. Quanto à investigação documental, temos dois pontos principais de partida: o livro de memórias do próprio Ismael Ribeiro, e o seu Inventário *post-mortem*. Em ambos utilizamos nomes e sobrenomes como fio condutor para chegarmos a outros documentos relacionados ao próprio personagem em questão e aos indivíduos que formaram o tecido social do qual que ele fazia parte.

Palavras-chave: Abolição, República, Trabalhadores.

No dia 10 de janeiro de 1931, no cemitério do Campo Santo, em Salvador, pessoas de diversos segmentos da sociedade baiana foram prestar sua derradeira homenagem a um “velho político”, como o chamou a nota de um jornal², que ao morrer tinha setenta e cinco anos de idade e uma história interessantíssima, pois participou ativamente de processos que marcaram o período em que viveu: o abolicionismo e o nascente movimento operário. Seu nome era Ismael Ribeiro dos Santos. Apesar da idade avançada, muito acima da expectativa da época, não havia deixado a vida, dois dias antes, por morte natural em decorrência da velhice ou por doença oportuna. Sua morte fora antecipada pelo próprio arbítrio: por volta das nove horas da manhã, subira até o telhado de sua casa, na Rua da Marinha, no Tororó, e de lá saltou³. Sua trajetória pode ser tomada como um guia para compreendermos as transformações da sociedade do qual ele fez parte, na dimensão mesmo das esperanças e desencantos.

Estudos sobre a abolição e pós-abolição na Bahia tiveram grandes avanços nos últimos anos⁴. Eles nos mostram, por exemplo, que os senhores de escravos baianos resistiram à abolição até as vésperas da promulgação da Lei Áurea. Estes trabalhos revelam, também, o papel ativo dos escravos em busca da sua liberdade e de seus familiares. Tais ações que concorreram para abalar os pilares básicos da escravidão, colocando mais à mostra suas contradições. Essa luta se dava, seja de forma individual e coletiva, seja através de fugas

reivindicatórias, constituição de quilombos, ou até mesmo, após a Lei de 1871, por meio de recorrências à justiça para conseguir a alforria.

Outro ponto importante é que o abolicionismo na Bahia não foi uma batalha que se travou somente no espaço político do parlamento, ou de forma restrita nos ambientes privados próprios das camadas letradas e esclarecidas. Na verdade ela tomou às ruas, principalmente nos anos finais da década de oitenta, quando boa parte da população defendia o fim da escravidão⁵.

Trabalhadores, oradores populares, “homens de cor” – termo encontrado na documentação da época – participaram ativamente da campanha abolicionista nos seios das sociedades criadas com este fim, inclusive contradizendo a ideia de que era somente através dos abolicionistas brancos e letrados que a liberdade chegaria aos escravizados⁶. Em quais outras lutas esses indivíduos se envolveram? Tendo em vista os novos desafios colocados no período posterior a abolição da escravidão e proclamação da república, é algo que ainda merece maior estudo, sendo assim, buscamos iniciar essa caminhada.

Empreendemos enfrentar o desafio de pesquisar a ação desses indivíduos no pós-abolição tendo como referência o estudo da trajetória de um homem negro, abolicionista e líder operário. Segundo seu próprio livro de memórias e seu atestado de óbito, Ismael Ribeiro nasceu na Freguesia do Monte do Recôncavo, Comarca de Santo Amaro da Purificação, filho de Felismina Maria da Conceição dos Santos e de Ricardo Ribeiro. Não possuímos ainda, dados definitivos a respeito da sua condição social ao nascer, se escravo, livre ou liberto. Entretanto, sabemos que tinha laços de proximidade com a família do grande proprietário e intelectual Francisco Vicente de Vianna, o Barão de Vianna. Segundo ele mesmo escreve, foi Ritta de Almeida Vianna, esposa do barão de Vianna, que lhe mostrou as primeiras “diretrizes para o espírito”, preocupou-se com seu futuro e a quem era grato pelo que “conseguiu ser”⁷. Além disso, ele se refere ao filho do casal Vianna, Coronel Augusto Vicente de Vianna, como seu “amigo de infância”.

Mais adiante atuou profissionalmente como artífice, sendo que as fontes nos mostram que foi, relativamente, bem sucedido economicamente, visto que, ao fim da vida, tinha acumulado um patrimônio considerável⁸. De indefectível formação intelectual, demonstrada em seus textos em diversos jornais⁹, participou com destaque na campanha abolicionista, lutando ao lado de nomes como Eduardo Carigé e Lellis Piedade junto a Sociedade Libertadora Baiana¹⁰, que depois viria a se chamar Sociedade Abolicionista Baiana¹¹. Logo após a abolição da escravidão, Lellis Piedade também foi companheiro de Ismael Ribeiro no

Centro Operário da Bahia, fundado em 1891 com o objetivo de defender os interesses do grupo de trabalhadores, e também foi fundador do Club Socialista¹².

Além dos dois personagens aqui citados, existem outros indivíduos que fizeram caminhos similares, e aparecem na bibliografia especializada¹³ e na documentação das associações¹⁴. Isso nos abre a possibilidade de levantar a hipótese de que o abolicionismo, sobretudo a efervescente campanha da década de oitenta do século XIX, influenciou e contribuiu de forma marcante na formação do movimento organizado de trabalhadores no início da República.

Em 12 de maio de 1902, o *Jornal de Notícias*, periódico baiano de grande circulação, publicou uma carta do alfaiate e então presidente do Centro Operário da Bahia, Ismael Ribeiro dos Santos. Na sua mensagem, o líder operário saúda a imprensa abolicionista e os combatentes deste prélio que souberam “atirar ao charco os mercenários da carne humana”¹⁵. Também convoca seus concidadãos a revigorar a alma baiana e não deixar que seja esquecida a data da “nossa emancipação”. Se não houve, nesse ano, amplo festejo popular para lembrar a grandeza e importância do dia da libertação dos escravos como desejava Ismael, pelo menos a data não foi de todo esquecida.

Algumas Sociedades e instituições baianas moveram-se em favor de se comemorar a efeméride da abolição. Naquele ano, o Club Socialista realizou no “13 de maio” uma “grande e bonita” passeata. Partindo da sede do Liceu de Artes e Ofícios desfilaram em marcha tendo à frente um cortejo com cerca de 200 lanternas com o estandarte da entidade em destaque, chegando à Praça Duque de Caxias, local em que foram declamadas palavras de ordem e proferidos discursos¹⁶. Esse fato nos mostra como que mesmo passados catorze anos da abolição da escravatura, essa data ainda tinha um poder simbólico e comemorativo de grande importância para os trabalhadores do regime republicano, como um elemento da própria cultura desse grupo.

Em uma sessão magna do Club Socialista para comemorar o dia 1º de maio de 1903 encontrava-se como secretário outro ex-militante abolicionista, Manoel Querino, então presidente desta associação¹⁷. Após o discurso de Predilliano Pitta e da poesia de Cosme de Farias recitada pelo mesmo, ambos em homenagem aos trabalhadores, foi entregue uma edição especial do jornal *O Socialista*, o qual continha um texto de Lellis Piedade, em nome dos “operários e proletários da minha terra”, defendendo que o futuro do socialismo não está muito longe, sendo um catalisador para que “os povos” consigam sua “liberdade social”¹⁸. Parece que para os antigos abolicionistas, a bandeira da liberdade ainda estava erguida. Com

feito, apesar de findada a luta passada pela emancipação dos escravos, restaram valores construídos nesse processo.

Voltando ao nosso personagem principal, nos discursos e falas de Ismael Ribeiro dos Santos era recorrente a referência à luta pelo fim da escravidão e a liberdade, como alusão à condição em que vivia o trabalhador no período republicano. Como é o caso do seu discurso no 4º Congresso Operário Brasileiro, no qual ele, parafraseando Adolphe Blanqui, diz que “(...) Emancipando os homens, deixamos-lhes as grilhetas nos pés; a liberdade torna-se mais funesta que a servidão”¹⁹.

Isabel Bilhão nos apresenta uma interpretação interessante sobre a referência à escravidão e à liberdade nas falas dos operários porto-alegrense entre fins do século XIX e início do XX. Para ela a alusão à escravidão aparece também nos discursos de lideranças operárias européias. No Brasil ela estava agregada à imagem vivida no cativo recém-abolido²⁰. Significa dizer, que para certos trabalhadores brasileiros da época, como Ismael Ribeiro, essa alusão não era só uma questão de retórica, mas reflexo de uma memória ainda presente. E mais ainda, de que o fim do cativo não implicou no fim da luta pela liberdade.

Em trechos do discurso de Ismael Ribeiro é nítida a forma como as experiências da escravidão e da luta pela abolição serviram como elementos próprios para a construção de parâmetros de comparação entre o passado de escravismo e a situação atual dos trabalhadores despossuídos de direitos que regulamentassem as relações de trabalho. Nessas circunstâncias o binômio “senhor e escravo”, apesar de extinto, se reproduz agora na forma de “patrão e operário”. Vejamos o que diz:

Portanto, enquanto a iniquidade ou essa cruel opressão do patrão contra o operário não desaparecer dos nossos costumes e hábitos hereditários da vil escravidão ou servilismo, temos apenas uma mudança de crise, porém fictícia e fantasmagórica: porque o passado continuará sempre predominando o presente, e a organização social não retrata mais que uma face do barbarismo, muito embora alardeie de civilizada, de democrática, de liberal ou de republicana!²¹.

É possível, dessa forma, levantar a hipótese de que a experiência da escravidão e da campanha abolicionista ecoou nos discursos e, conseqüentemente, nas estratégias políticas de indivíduos no período posterior à abolição, em especial o movimento de trabalhadores livres. Pretendemos com essa pesquisa dar a nossa contribuição a tal discussão.

Como já foi colocado anteriormente, estamos recompondo história de vida de Ismael Ribeiro dos Santos, centrando a análise nos momentos em que sua trajetória cruzou com a

escravidão e o movimento abolicionista, assim como, com o movimento de trabalhadores livres e a luta por cidadania no início do século XX. Para isso, utilizaremos métodos da denominada Micro-História, alinhados com as perspectivas teóricas e práticas da História Social Inglesa.

Ao analisar que a perspectiva historiográfica que privilegia um olhar “macro” da história leva, assim, a vida real a ser posta à margem, Carlo Ginzburg aponta que a visão de longo período pode gerar uma abstrata, homogeneizada história social, desprovida de carne e sangue, e não convincente apesar de seu estatuto científico²². Por outro lado, as ideias de cunho teórico e analítico do historiador inglês E. P. Thompson dialogam com esse pensamento, na medida em que defende um método de análise histórica que focaliza a ação humana e a complexidade das relações sócio-culturais para uma melhor compreensão da realidade²³.

Seguindo tais pressupostos, na execução do nosso trabalho, estamos procedendo ao cruzamento de diversos tipos de fontes, sendo elas cartoriais, cadastrais, processuais, jornalísticas e de memórias, para podermos rastrear os caminhos e escolhas tomados por Ismael Ribeiro em diferentes momentos de sua vida, assim como, de que forma as suas ações refletem para nós novos elementos sobre a sociedade da qual ele fez parte.

O historiador João José Reis em seu livro *Domingos Sodré: Um Sacerdote Africano*²⁴ nos apresenta a possibilidade de que as biografias históricas podem, mais do que apenas revelar elementos das experiências de vida de certos indivíduos, servirem como:

...guia para conhecer uma época, uma sociedade e em particular os homens e mulheres que compunham as redes de relações a que pertenciam os biografados, com suas diferenças étnicas, suas hierarquias sociais e econômicas, suas instituições e práticas culturais²⁵.

O artigo “Além das Senzalas e das Fábricas” de Antonio Luigi Negro e Flavio Gomes é também de bastante contribuição para o nosso trabalho²⁶. O objetivo desses autores é apontar caminhos, a partir do prisma da História Social, que contemplem a experiência do trabalho escravo com outras formas de trabalho compulsório, livre e assalariado, tendo em mente toda a sua variedade étnica e de estratégias de contestação, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX²⁷. Com efeito, é importante para nós a perspectiva que esses historiadores trazem no sentido de pensar que a história social pode contribuir na reflexão e no conhecimento sobre os dos trabalhadores pobres de hoje e de ontem a começar pela pós-emancipação, inclusive, tendo em mente o conjunto heterogêneo de trabalhadores²⁸.

Um dos elementos mais importantes das ideias de Thompson se configura na sua percepção acerca da formação da classe e da consciência de classe. O historiador inglês evita uma análise “estrutural” do conceito²⁹. (aqui eu sugiro um ponto). Na sua perspectiva a “classe” se localiza de forma dinâmica a partir dos processos históricos e das “experiências comuns” vividas por grupos de indivíduos³⁰.

Tendo como norte tal visão, no nosso estudo consideramos a participação de trabalhadores livres no movimento abolicionista na Bahia como uma etapa importante para o amadurecimento destes enquanto “classe”. Para nós, é significativo, nesse sentido, que em apenas dois anos após a emancipação dos escravos, tenha surgido o primeiro Partido Operário da Bahia, tendo em sua composição ex-abolicionistas³¹.

Estudando a formação da classe operária do Rio de Janeiro, Marcelo Badaró Mattos identifica que a troca de experiências de trabalho e de vida entre escravos e trabalhadores livres em algumas cidades brasileiras marcadas pela escravidão no século XIX vão reverberar politicamente no “*momento posterior à formação da classe*”³². O autor dá ênfase ao abolicionismo, como momento em que valores, como o de liberdade, são construídos e depois herdados pelos trabalhadores do período republicano. Segundo Badaró:

O abolicionismo, como momento mais forte da luta pela liberdade, acabou ocupando um papel catalisador. Naquele movimento, em que o protagonismo foi desempenhado pelos próprios escravizados, percebe-se claramente o apoio de outros segmentos sociais à causa, particularmente dos trabalhadores livres em algumas de suas primeiras organizações. Lideranças abolicionistas se aproximaram das organizações operárias em construção e por suas trajetórias posteriores podemos perceber como os valores forjados naquela luta pela liberdade passaram a fazer parte do arsenal compartilhado pelos trabalhadores nas décadas seguintes, servindo mesmo de parâmetro para a avaliação das experiências e lutas subseqüentes³³.

Buscamos, então, mergulhar no contexto histórico de lutas e projetos políticos diferenciados, frustrações e transformações sociais que envolvem o processo de abolição da escravidão e formação do sistema republicano, tendo como bússola, nessa empreitada, a história de Ismael Ribeiro dos Santos.

¹ Thiago Alberto Alves dos Santos, Mestrando em História Social – UFBA. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² BPEB, Diário da Bahia, 10 de Janeiro de 1931; A Tarde, 10 de janeiro de 1931.

³ APEB, Judiciário, Inventário de Ismael Ribeiro dos Santos, 6/2718/0/10.

-
- ⁴ Ver: BRITO, Jailton Lima. *A Abolição na Bahia (1880-1888)*. Salvador. CEB, 2003. FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da Liberdade: Histórias de Escravos e Libertos na Bahia, 1870-1910*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006.
- ⁵ BRITO, Jailton Lima. Op. Cit.
- ⁶ ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O Jogo da Dissimulação: Abolição e Cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.
- ⁷ RIBEIRO, Ismael. *A Voz do Operário Fallando a Verdade*, 1930, p. 6.
- ⁸ Este dado é perceptível a partir do seu testamento e inventário *post-mortem*. APEB, Judiciário, Inventário de Ismael Ribeiro dos Santos, 6/2718/0/10.
- ⁹ BPEB. Jornal de Notícias e Diário de Notícias são alguns exemplos de jornais.
- ¹⁰ Ribeiro, Ismael. Op. Cit., p. 282.
- ¹¹ BRITO, Jailton Lima. Op. Cit., p.135.
- ¹² BPEB, Jornal de Notícias, 03 de maio de 1902.
- ¹³ Ver, por exemplo: LEAL, Maria das Graças de Andrade. *Manoel Querino: Entre letras e Lutas*. Tese de Doutorado, PUC-SP, São Paulo, 2004. CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Trabalhadores, Máquina Política e Eleições na Primeira República*. Tese de Doutorado, UFBA, 2008.
- ¹⁴ FCM, Relatório do Centro Operário da Bahia, 1900.
- ¹⁵ BPEB, Jornal de Notícias, 12 de maio de 1902.
- ¹⁶ BPEB, Jornal de Notícias, 14 de maio de 1902.
- ¹⁷ BPEB, Jornal de Notícias, 18 de janeiro de 1902.
- ¹⁸ BPEB, Jornal de Notícias, 03 de maio de 1902.
- ¹⁹ RIBEIRO, Ismael, Op. Cit., p. 195.
- ²⁰ BILHÃO, Isabel Aparecida. *Identidade e Trabalho: Uma história do operariado porto-alegrense (1898 e 1920)*. Londrina: EDUEL, 2008, p. 36.
- ²¹ RIBEIRO, Ismael, Op. Cit., p.195.
- ²² GINZBURG. Carlo. *O Nome e o Como*. In: A Micro-História e outros ensaios. Editora Bertrand, Rio de Janeiro, 1991, p. 171-172.
- ²³ MULLER, Ricardo Gaspar e MUNHOZ, Sidney J. Edward Palmer Thompson. In: *Historiadores do Nosso Tempo*. LOPES, Marcos Antônio e MUNHOZ, Sidney J. São Paulo: Alameda, 2010, p.57.
- ²⁴ REIS, João José. *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ²⁵ Ibidem, p. 17.
- ²⁶ NEGRO, Antonio Luigi e GOMES, Flávio. Além de Senzalas e Fábricas: uma história social do trabalho. *Tempos Social, revista de sociologia da USP*, v. 18, n. 1.
- ²⁷ Nesse sentido, outros trabalhos importantes para essa discussão são: REIS, João José. De Olho no Canto: Trabalho de Rua na Bahia na Véspera da Abolição. *Afro - Ásia*, 24. (2000). 199-242; CRUZ, Maria Cecília V e. Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, Rio de Janeiro, 1905-1930. *Afro - Ásia*, Salvador, n. 24, 2000, p. 243-290; SOUZA, Robério Santos. *Experiência de trabalhadores nos caminhos de ferro da Bahia: trabalho, solidariedade e conflitos (1892-1909)*. Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2007.
- ²⁸ Ibidem, p. 223.
- ²⁹ THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987, vol. 1, p. 7-9.
- ³⁰ Idem.
- ³¹ LEAL, Maria das Graças de Andrade. Trabalhismo À Moda Tropical: da Liga Operária ao Partido operário em Salvador-Bahia oitocentista. In: *Capítulos de História da Bahia*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 167.
- ³² MATTOS, M. B., Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro. *Mundos do Trabalho*, v.1, p. 64.
- ³³ Ibidem, p. 64.